



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12291 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

### SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: CULTURA DE MÍDIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM DESENHOS ANIMADOS

Sabrina de Sousa Soares - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

### SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: CULTURA DE MÍDIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM DESENHOS ANIMADOS

#### RESUMO

Este texto recorta dados de uma pesquisa de mestrado que analisou como as crianças da Educação Infantil de Belo Horizonte compreendem e performam as relações de gênero que vivenciam, e, como os conteúdos dos desenhos animados aparecem implicados e também implicadores dessas relações. A pesquisa foi composta por um referencial teórico multidisciplinar, integrando os estudos da infância, estudos culturais e de gênero. A metodologia incorporou princípios da etnografia com o uso de observação participante e diário de campo. Os resultados evidenciaram que, as crianças, apoiando-se nas normas de gênero, modalizam performaticamente suas identidades em uma dinâmica na qual os desenhos animados podem tanto disponibilizar elementos que delimitam contornos de feminilidades e masculinidades, como podem, ainda, oferecer brechas para construções e ressignificações desses contornos.

**Palavras-chave:** Criança. Desenhos animados. Gênero.

#### INTRODUÇÃO

Superpoderes e força, heroísmos e vilanias, bonecas e monstros, brincadeiras de menino e de menina, rapidez e explosões, batalhas mirabolantes e vitórias triunfantes foram alguns dos elementos narrativos de desenhos animados que se fizeram presentes durante a pesquisa de mestrado aqui apresentada.

Apontamos como objeto de estudo os marcadores de gênero presentes nas interações de crianças de 4 e 5 anos de idade, ao se apropriarem dos conteúdos e personagens dos desenhos animados, no contexto da Educação Infantil pública de Belo Horizonte. As animações nos chamaram atenção por sua ampla capacidade de alcance e presença expressiva no dia-a-dia dessas crianças, dentro e fora da escola.

Constatamos que, em síntese, as narrativas dos desenhos se faziam presentes entre as crianças, servindo como fonte referencial sobre o que é ser homem ou ser mulher e os dissabores que essas performances antecipam sobre o que são e o que podem vir a ser em suas performances de gênero.

### **Caminhos da pesquisa**

Por meio da observação participante, inspirada pela etnografia, as diversas situações e manifestações das crianças no contexto escolar foram contempladas. Investimos na potencialidade e riqueza que o diário de campo nos concede.

As observações das relações espontâneas das crianças não estiveram detidas apenas ao que tivesse relacionado aos conteúdos das animações, do contrário, estaríamos pressupondo a possibilidade de não pertencermos a redes complexas de interdependências, o que poderia sugerir a unidirecionalidade do desenho animado como meio formador na infância.

A noção de pesquisar *com* crianças surgiu contrapondo a ideia de pesquisar *sobre* crianças. Pode parecer uma simples alteração no uso de preposições, mas no contexto desta investigação, se apresentou como uma grande diferenciação de perspectivas, pois

praticamos uma inversão epistemológica que, ao questionar o olhar de quem olha, prioriza o olhar de quem é olhado – percepção que reconhece presenças nas ausências, abandona as evidências e aposta nas virtualidades como forma de enfrentamento das injustiças cognitivas no cotidiano da escola (PÉREZ; LIMA, 2017, p. 47-48, grifo nosso).

Assim, estivemos com um olhar curioso sobre os desenhos animados, sobre os desenhos produzidos pelas crianças, suas produções, falas, brincadeiras e manifestações, isto é, sobre as mais diferentes e diversas ações que as envolviam no contexto escolar. Foi preciso olhar e conhecer o *Outro* — as crianças. Foi preciso estarmos atentos aos movimentos de seus corpos, aos seus sentimentos, ações e reações. Foi preciso encontros, diálogos e escuta sensível.

Por fim, para as análises das observações, o conceito de gênero enquanto performance (BUTLER, 2003) nos serviu como base teórica e conceitual.

### **Infância, gênero, desenhos animados e escola: fragmentos e articulações da pesquisa**

A criança embarca em encontros, acasos, dramas, afetos e movimentos. Essa foi a percepção que tivemos (e temos) das crianças com as quais convivemos na escola durante o tempo da pesquisa. Crianças pequenas, potencialmente pensantes, falantes e brincantes, espectadoras do universo digital. Crianças que com seus “corpos historicizados” apresentam em suas narrativas, manifestações e interações, seus diferentes modos de ser e estar no mundo, e ao negá-los, nós, as precarizamos (BUTLER, 2003).

Crianças que vivenciam suas infâncias em um contexto social marcado pela presença de diversos artefatos culturais midiáticos. E, como espectadoras e consumidoras que são, acessam uma série de dispositivos, dentre os quais destacam-se os desenhos animados. No entanto, não esteve em nosso escopo analisá-los estritamente por seu valor artístico, ao invés disso, pensando com De Lauretis (1994), a partir de uma visão foucaultiana, temos o desenho animado como um dispositivo, concebendo-o como uma “tecnologia de gênero” que tem o poder de controlar o campo simbólico de criação e reprodução de significados atribuídos.

Admiti-los enquanto um dispositivo, abre-nos a possibilidade de análise para além das formas que o gênero assume em suas narrativas, ou seja, como tais formas são performadas, entendidas e recriadas pelas crianças que, ao atribuírem significados específicos aos textos midiáticos, ora vão conformar, ora vão confrontar valores compartilhados.

A partir da noção de performatividade, compreendemos o gênero como uma construção discursiva ambivalente no interior de uma norma heterossexual compulsória que funda uma estrutura sempre binária e hierarquizada.

“O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero” (Butler, 2003, p.200).

Assistindo desenho animado com as crianças na escola, verificamos que a estilização do corpo à qual Butler se refere como constitutiva desse gênero que é materializado, ia de encontro das narrativas sugeridas pelas animações: uma estilística de gênero inteligível, um conjunto de atos dentro de um sistema de significação a partir da diferenciação de gênero bem executados, tentando garantir que, além da diversão e da fantasia, fossem conquistadas, principalmente, suas existências enquanto crianças socialmente inteligíveis. Os personagens dos desenhos animados indicavam às crianças elementos que demarcam os contornos de feminilidades e masculinidades sobre seus corpos. Assim, as possibilidades de se aprender o gênero entravam em jogo.

### **Algumas palavras finais**

É possível afirmar, portanto, que as crianças reconhecem o caráter impregnante das normas heterossexistas nos desenhos animados que assistem, nas brincadeiras que brincam, nas ações da escola, nas escolhas que fazemos por elas e que elas fazem quando, por exemplo,

nomeiam o que é de menino e de menina. Enquanto experimentam o gênero, elas reiteram as normas, mas também desafiam, ainda que ludicamente, o caráter persuasivo das normas. Inventam outras expressões de gênero para seus corpos e buscam outras aparições públicas em que se registrem novas possibilidades de ser menino e menina. As crianças demonstram que gênero se aprende também nos desenhos animados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE LAURETIS, T. **A Tecnologia do Gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), *Tendências e Impasses - O Feminismo como Crítica da Cultura*, Tradução Suzana Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PÉREZ, C L.V.; LIMA, M. F. C. **Ideias ex-cêntricas em notas de rodapé sobre alegria no currículo**. Periódicos. UFES. p. 34-62. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/19018/12920>. Acesso em: 30 out. 2019.